

**Resenha do Livro *Flor de Gume****Reseña del Libro Flor de Gume**Book Review Flor de Gume***Flor de Gume.**

MALCHER, Monique. São Paulo: Pólen, 2020.

**1. Informações: Autora e Obra**

Monique Malcher, nascida em Santarém, interior do Pará, é escritora, jornalista, antropóloga e artista plástica. *Flor de Gume* é o seu primeiro livro, e, devido a amplitude de sua obra, foi agraciada pelo prêmio nacional Jabuti na categoria de Contos, o prêmio literário mais tradicional do Brasil, idealizado em 1959, visando prestigiar autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros que mais se destacam a cada ano. A autora aborda neste livro diversos contos que nos remetem à sua vivência como mulher ribeirinha, assim, logo nas primeiras páginas, encontramos uma dedicatória que costura as diversas “mulheridades” presas e acalentadas em todas nós, mas que constituem a mulher que ela postula em seus escritos. A organização de seus contos está disposta da seguinte forma:

**Parte 1 - Os nomes escritos nas árvores, os umbigos enterrados no chão:**

Boca de lobo; Suas Sandálias me cabem?  
Por entre as pedras as águas choram;  
O barco e as cartografias da esperança;

Juçara; Borboleta amarela; esperei você para o café; as palavras por debaixo da porta; A próxima parada; quando dois pássaros se perdem.

**Parte 2 - Quando os lábios roxos gritam em caixas de leis herméticas:**

Um fogão entre as marés; Ilha do rato; Apartamento; Para voar com os ratos no verão; Anis; Erva-doce nas mãos para os dias sem você; Girassol; Camadas das memórias em lágrimas; Portas fechadas; Mármore no lugar de coração; O pesadelo é um bilhete urgente que fere; Um sorriso que atravessa o asfalto; Alecrim para dizer que não fique aqui.

**Parte 3 - O reflorestar do corpo, o abandonar das pragas:**

Rosa vermelha; Vênus; as marés guiadas pela lua; A rua abraça a lua vermelha em eclipse; as jiboias que se espalham com a velocidade dos beijos; Elo; abre o portão quando eu chegar? Ramona; Cãhomo de despedidas; O enforcador; as espumas têm seu nome; os territórios que os pés desenharam; Hortelã; Beladona.

Apesar de ter uma organização prévia das partes, os contos são independentes e se configuram como memórias da autora ao longo de sua vivência, elaborando atravessamentos e as afetações a partir de marcas que ecoam ao comer as páginas.

<sup>1</sup> Dejours (1988) criou o neologismo mulheridade [*muliérité*] ou mulhebridade [*muliébrité*] para designar o estatuto de submissão conferido às mulheres nas relações sociais de sexo. As mulheridades traduzem-se na prática por um conjunto de condutas através das quais uma mulher se comporta de acordo com este estatuto de submissão determina para evitar represálias, numa posição defensiva diante das opressões que sofre, reproduzindo-as e deixando de questioná-las, punindo ou excluindo as “rebeldes” que representam risco de revelar o sofrimento gerado por esse estatuto e direcionando para uma tomada de consciência e mobilização diante das opressões. Monique denuncia a perpetuação do dispositivo da mulheridade e o subverte ao tomar a escrita como saída para curar as marcas das opressões patriarcais e apoderar-se da mulheridade como símbolo da diversidade de manifestações do “ser mulher”.

## 2. As “Mulheridades” que Ecoam com as Vozes de Monique Malcher

Em seu prefácio, descrito por Paloma Amorin, nos é apresentado o cenário que *Flor de Gume* irá nos presentear. Tomamos consciência das afetações e identidades que Monique irá percorrer ao longo de suas memórias tecidas nos contos, buscando elaborar sua existência ribeirinha para o mundo todo. O primeiro capítulo, intitulado como “*Parte 1: Os nomes escritos nas árvores, os umbigos enterrados no chão*”, traz referências que simbolizam a infância da autora, contada a partir de traços de memórias com sua família. Discorrendo as fragilidades e violências que imprimiram em seu corpo a história da sua constituição como mulher, abordando nesse cenário a relação com sua mãe, a qual sempre foi afogada em desejos de apagar as dores mutuamente, impossibilitadas de digerir aos afetos presentes no enlace entre mãe e filha.

Ao narrar seu retorno à casa onde cresceu e saiu de seu casulo, lembra de tentar se conectar com este passado, não sabendo lidar com a falta que a falta faz. Monique faz sentir dor através de tantas memórias guardadas da sua infância se desdobrando em trazer o familiar daquilo que foi transformado e mudado. A sua família, enunciada no conto “*as palavras por debaixo da porta*”, grita as vozes da loucura, mas o que é uma mulher louca se não uma mulher que tenta se libertar de tantas amarras? E é por isso que ela sente a tristeza, categorizada no seu curso de pelúcia que carrega uma lágrima costurada em seus olhos.

Quando Monique ensaia os primeiros passos do amor, ela também se depara com o controle excessivo de seu pai e as marcas do seu corpo, que acabam por propor a perda do objeto amado. A borboleta precisava voar, mas não acompanhou o voo de Gabriel, que precisou bater asas antes de sua amada. Por fim, o

voo para outra cidade havia sido presentificado, e, com ele, outras possibilidades de experienciar a sua vida.

Após mergulhar nas profundezas de sua infância, ancoramos no capítulo intitulado como “*Parte 2: Quando os lábios roxos gritam em caixas de leis herméticas*”. Monique traz a cena dramatizada pelo nosso personagem ilustre, o cajueiro. Este que vira muitas famílias nascerem, crescerem e amadurecerem, havia sido um escape para muitos verões, da mãe, filha, neta, bisneta e outras gerações de sua família. Ele quem as alimentou com sua polpa cítrica, mas saborosa, ao menos bem melhor que o gosto das feridas que ardem ao relatar as violências que pariram a sua alcateia. O cajueiro que de tanto alimentar sorrisos, nesta cena, alimenta as lágrimas que esvaziam os sentimentos ao ler a carta de sua avó. Em a “*Ilha do Rato*”, a autora remete à escrita, que, para ela, se dispôs a sustentar a paixão que um relacionamento nem sempre nos fornece. Confiança, amor, afeto e a ternura de um abraço quente. No entanto, a sua casca grossa só se esvai quando lembra das diversas vezes que foi curada com a famosa pomada caseira, amolecendo e curando os cascos grossos que a vida a vestia.

O “*Apartamento*” traduz a maior dor de toda a vida, a castração que vem de uma avó. Esta que sempre a acalentava com as pomadas e o doce que sempre gostava, com aqueles embalos na rede juntas, com as fotos guardadas em seu álbum, com seu colo interino, um belo dia a convocou a ouvir o seu “não”. A voz que anunciou a sua reação trouxe novas feridas, mas agora ditas por ela mesma. O choro não consegue diluir a sua tristeza, então o corpo a fecha, será que é por isso que ela não consegue se amar?

Monique traz em seus contos a possibilidade de morrer e matar a si mesma. Será possível? A morte traz finitude do , mas e quanto

as memórias cultivadas pelo tempo? A marca deixada na carne em algum momento se deixa curar ou ser curada? São essas as perguntas sem respostas que ela traz de forma súbita, logo em seguida, no conto “Anis”, que vomita as amarras de uma agressão simbólica, única e destruidora do seu pai. O seu enterro foi uma diversão, um livramento, como dito em seus pensamentos. O Girassol é uma planta que nos fornece vida, luz e beleza; depois da beleza, vem a morte. Ele dura apenas 45 dias de vida, e em “Girassol”, a autora evoca as suas memórias da morte de suas avós e a dela mesma. O enterro das suas avós também foram o seu próprio enterro, morreu a sua identidade, assim como seus gostos. As lembranças, quando evocadas, sangram, mas também enxugam e curam. A caipira sobrevive em meio ao caos da cidade grande. As memórias são difíceis de “enterrar”, até porque, quando se enterra algo, alguma coisa floresce, seja uma erva daninha, uma rosa.

Já em “Erva-doce Nas Mãos Para os Dias Sem Você” ela recita a dor de caminhar após a perda de um pedaço de seu corpo. Seja a sua risada, seja seus momentos diários... Mas a avó deixou para trás feridas abertas que não são possíveis de curar. Até em seu trabalho vestem as roupas de sua avó: nas pinturas, ainda tão claras e vívidas em suas lembranças. Como seguir sem as pernas? Monique consegue atribuir novos adjetivos ao mundo feminino, como o assombramento que nos é colocado de todas as formas e vias, seja subjetivamente ou estampado no olhar dos outros. “Mármore no lugar do coração” afoga as mágoas de uma mulher que sentiu na pele a demarcação dos lugares que o seu ser ocupava, o corpo não serve apenas para sustentá-la, mas para encaixá-la em espaços, lugares, pessoas, relações.

As noites caem como granizo em cima de uma casa, chegam fazendo um barulho estrondoso em “Alecrim para dizer não fique aqui”. Ele traz os amores que um dia permitiu ser seu

amado, os mortos que um dia deram vida aos seus dias repletos de tempestade. Os afetos revestidos de amor, também contavam com a presença de seu pai, um monstro fantasiado de amigo que aparece em seus sonhos e pesadelos. A morte nem sempre leva o que queremos apagar, às vezes aguça os nossos medos e inseguranças, e foi no seu enterro que encontrou a possível paz.

“O reflorestar do corpo, o abandonar das pragas” revive a sua fase de cuidar de si, quando ela assume a raiva em estar para outros quando, na verdade, não consegue estar consigo mesma. O reconhecimento de seu corpo vem pelo contato com o corpo podre, estalado e fadado ao exílio por si mesma e pelos outros. Ele tenta ser recatado, mas não consegue performar da forma que seu pai quer, para isso, abre mão da sua identidade para reflorestar esse corpo, utilizando de alimentos processados para mantê-lo em pé, transa com todos e todas para se sentir bem. Quem diria? Será que está transgredindo a eles ou a si mesma? Ao fim, escolheu abraçar todos os pus que saíam do seu corpo, assumir que se alimentava de carniças e que delas não sairia um líquido bom. Com o tempo, aprendeu a entender que dava e conseguiria escolher seus alimentos, que nem tudo o que se come nutre e floresce.

Monique retorna ao velório de sua avó em “Marés guiadas pela lua”, em que deveria haver festa, não lágrimas. O seu corpo, antes de velado, lembrava os seus desejos em vida, apesar do batom passado inconvenientemente, que foi uma desculpa para tocar e limpar seus lábios, rindo de suas travestisses em vida. No decorrer de seu velório, ela corre atrás de seu cheiro e objetos que retenham a sua lembrança em vida, vestindo suas roupas e, assim, retraindo-a fora da terra. Este movimento culmina em sobrevivência a partir da ausência, e o choro toma conta de limpar o que se perdeu. Ao assumir a raiva como gasolina para os seus desejos,

compreende seus limites, como a possibilidade de não perdoar e ser queimada pelas chamas do ódio, ela também queima, mas cura.

“*As jiboias que se espelham com a velocidade dos beijos*” discorre sobre a declaração apaixonada por uma musa que lembra alguns livros de romance, às vezes tão ideal, mas real em suas lentes que cravam nas páginas dos contos a curvatura de seus beijos. Ela consegue expor em palavras que o juízo do gostar de mulher não abala tanto quanto teu sorriso em frente ao museu, aquela que abala as profundezas dos sentimentos em uma piscada e, assim, fazer a felicidade morar dentro das duas. O conto “Elo” disfarça com uma conversa um tanto inusitada, mas com uma certa profundidade. Ela, Mariana, às vezes tão sutil nas suas profundidades, desvela junto à sua amiga o quanto nos tornamos um pouco dos anseios e medos de nossas mães, desejos e sonhos. Mas, por incrível que pareça, não é de todo mal, afinal, pode-se fundir beleza e força.

“*Beladona*” traz o fechamento com um teor de saudades, pois, apesar de ser muitas vezes intragável, os contos refletem um pouco de Monique, um pouco de mim e de outras leitoras que escolhem mergulhar na jornada sangrenta que ela traz com suas palavras no lugar de facas. Para todos os cadáveres que Monique carrega, e ainda irá carregar, para todas as mortes que ela precisa lidar, todos os travesseiros cheios de sangue e dor carregam em si uma força, para todas as mulheres bruxas que evocam as águas do mar, para as monstras deformadas pelo fogo, um até logo, pois todas voltam em memórias, sonhos, em palavras, contos e livros.

**Jéssica Pingarilho Batista** – Psicóloga e Psicanalista. Preceptora de Estágio na Clínica Escola de Psicologia da Universidade da Amazônia (CLIPSI), na ênfase Psicanálise. Mestranda no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará. E-mail: [jessicapingarilho@gmail.com](mailto:jessicapingarilho@gmail.com)

**Suzana Farias Rabelo** – Graduanda do 9º semestre de Psicologia pela Universidade da Amazônia; Estagiária na Clínica Escola de Psicologia da Universidade da Amazônia (CLIPSI), na ênfase Psicanálise; Facilitadora de grupos reflexivos no projeto Sobre(bem)viver, que trabalha com Violências de Gênero, a partir da interlocução entre Psicologia Feminista, Crítica e Saúde. E-mail: [suzanarabelo11@gmail.com](mailto:suzanarabelo11@gmail.com)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este livro nos convoca à refletir e rememorar nossas fragilidades, assim como questionar o nosso lugar enquanto mulher. Monique estampa as demarcações de sua identidade, corpo e movimento. O lugar da mulher ribeirinha que viaja e cai de paraquedas em uma cidade grande, revive memórias dos rios no lugar das ruas, e todo o caos que a cidade proporciona em relação à calmaria do interior. O poder de evocar e nos convocar a pensar sobre perdas, ódio, medos e anseios nos faz perceber o encanto que as relações podem esmiuçar dentro de cada um de nós, seja deixando marcas ou costurando buracos não preenchidos antes.

## REFERÊNCIA

DEJOURS, C. Adolescence: le masculin entre sexualité et société. *Adolescence*, 6, 89-116, 1988. Disponível em: <<https://www.documentation-sociale.org/base-prisme/851/>>. Acesso em: 15 de Abril de 2023.

MALCHER, Monique. *Flor de Gume*. São Paulo: Pólen, 2020.